

EXPRESSÕES CULTURAIS DOS JOVENS DO BAIRRO POPULAR DE SANTO ANTÔNIO (ITACARÉ-BA): AS TRANÇAS COMO PRÁTICA IDENTITÁRIA

Elania Soares de Gois[1]

Palavras-chave::Território periférico; Construção identitária; Estética de resistência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata das vivências de identidade cultural entre estudantes do Ensino Fundamental em bairros periféricos de Itacaré, Bahia, com ênfase na comunidade de Santo Antônio (Bairro Novo). O objetivo deste resumo é apresentar uma análise das características das expressões culturais e identitárias dos jovens desse bairro, buscando compreender como essas manifestações refletem sua relação com o território e o contexto social em que estão inseridos. Dentre essas expressões, destaca-se o uso das tranças afro, que emerge como uma prática recorrente entre as jovens negras da comunidade. As tranças, além de elemento estético e que emponderam outras mulheres, configuram-se como símbolo de resistência, afirmação identitária e pertencimento étnico-racial. São parte de uma herança cultural que, ressignificada no cotidiano, fortalece laços comunitários e valoriza a ancestralidade africana em um território muitas vezes marcado pela invisibilidade sociocultural. Conforme aponta Dias (2021), os bairros populares são atravessados por uma diversidade de aspectos que vão desde carências materiais e condições precárias de moradia até práticas cotidianas de solidariedade e ajuda mútua, as quais reforçam a resistência comunitária e a coesão social — elementos essenciais para a compreensão das identidades locais e das dinâmicas de pertencimento. O estudo examina como os jovens interpretam e

[1] Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professora de geografia da Educação Básica- Anos Finais- Município Itacaré-(BA)

manifestam a cultura local em um ambiente onde, frequentemente, suas culturas populares não são reconhecidas ou valorizadas.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica crítica, voltada à compreensão das expressões culturais e identitárias de jovens do bairro Santo Antônio, em Itacaré-BA. Além da revisão de obras acadêmicas, vêm sendo utilizadas fontes secundárias, como sites locais, para contextualizar as dinâmicas territoriais. A análise dos dados se orienta pelo método materialista histórico-dialético, permitindo articular as dimensões teóricas e empíricas a partir das contradições sociais presentes no território estudado.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

É notório como as dinâmicas culturais e territoriais dos bairros periféricos expressam formas de resistência, pertencimento e reinvenção identitária. O bairro Santo Antônio, também conhecido como Bairro Novo, localizado na entrada da cidade de Itacaré- BA, é um território marcado por tensões entre o crescimento urbano, as demandas habitacionais e os interesses turísticos(Itacare.com). Sua origem remonta ao início da década de 1990, quando, segundo Palmer (2021), a ocupação foi estimulada por um ato político que promoveu o desmatamento de uma área ambientalmente sensível, com o objetivo de atrair eleitores. Desde então, consolidou-se como o bairro mais populoso da cidade, abrigando majoritariamente migrantes de áreas rurais e cidades vizinhas, atraídos pelas oportunidades de trabalho no setor turístico.

Esse espaço urbano carrega as marcas das contradições entre o direito à moradia e a preservação ambiental, entre a visibilidade e a marginalização. O bairro é comumente chamado de favela por moradores de outras classes sociais, e se constitui como uma periferia urbana, onde a precariedade de infraestrutura e serviços se sobrepõe à vitalidade das práticas culturais e aos vínculos comunitários (CARVALHO; SILVA; SERPA, 2015; SERPA, 2002). Mesmo diante das adversidades, os moradores transformam o bairro em espaço vivido, criando laços de solidariedade, redes de apoio mútuo e práticas que afirmam suas identidades.

Nesse contexto, destacam-se as expressões culturais dos jovens, especialmente das jovens negras, que transformam os espaços coletivos em palcos de afirmação identitária. Entre essas expressões, a prática de trançar os cabelos assume papel central. De acordo com Rolim (2021), as tranças, carregadas de ancestralidade africana, já foram utilizadas como estratégia de sobrevivência durante a escravidão e, hoje, seguem simbolizando resistência e empoderamento. Mais do que estética, as tranças representam proteção, autoestima e enfrentamento ao racismo estrutural.

No Bairro Novo, o ato de trançar transcende a estética: é expressão de memória, resistência e criação coletiva. Muitas das trancistas são oriundas dos quilombos urbanos de Itacaré e de comunidades rurais da região, como o de Maraú-BA, e encontram nessa prática não apenas uma fonte de renda, mas também um caminho de afirmação política e fortalecimento de um coletivo feminista negro. As tranças, nesse contexto, assumem um papel simbólico potente entre as jovens moradoras do bairro, que ao utilizá-las sentem-se

representadas, valorizadas e fortalecidas em sua identidade racial e de gênero. Essa dimensão coletiva do empoderamento, segundo Ribeiro (2015), está relacionada à tomada de consciência social, à luta por direitos e à transformação das estruturas de opressão. Ao exercerem sua arte, as trancistas tecem não só autonomia financeira, mas também redes de afeto, apoio mútuo e pertencimento, especialmente entre as meninas negras que reconhecem nas tranças um elo entre ancestralidade e afirmação contemporânea.

Figura 01: Trança Godds braids



Figura 02: Trança nagô



Fonte:Trancista Maiane Costa Cruz (Bairro Novo-2025)

Segundo a Revista Raça (1996), as tranças continuam sendo expressão viva da cultura afro-brasileira e ganham visibilidade tanto em eventos culturais quanto no cotidiano urbano. São performances identitárias que, para além do individual, reafirmam uma herança coletiva e apontam caminhos para novas formas de existência negra nas cidades.

Como destaca Crouch (2010), a cultura popular emerge da ação criativa das pessoas comuns, que constroem suas expressões culturais a partir dos recursos disponíveis em seu cotidiano . O território, nesse sentido, não é apenas cenário, mas participante ativo das práticas sociais. Em diálogo com essa perspectiva, Santos (2006) argumenta que o novo lugar exige uma reformulação subjetiva, em que o indivíduo se ressignifica diante do espaço desconhecido. É nesse processo de redescoberta e apropriação que as tranças se inscrevem como narrativa viva da juventude negra periférica de Itacaré.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ainda em fase de desenvolvimento, parte do reconhecimento das tranças como práticas culturais que transcendem a estética e se configuram como manifestações identitárias de resistência, pertencimento e memória coletiva no bairro Santo Antônio, em Itacaré-BA. A pesquisa busca compreender como, em contextos periféricos, jovens mulheres negras se apropriam dessa prática ancestral como forma de afirmação de suas identidades e enfrentamento das desigualdades raciais, sociais e de gênero que atravessam seus cotidianos.

A revisão de literatura, que orienta metodologicamente esta etapa do projeto, fundamenta a compreensão crítica das expressões culturais juvenis em territórios populares e aponta a potência transformadora dessas práticas no fortalecimento de subjetividades negras. Pretende-se, com base nesse embasamento teórico, lançar luz sobre os processos de empoderamento e agência coletiva que emergem nos bairros periféricos a partir de saberes historicamente marginalizados.

No bairro Santo Antônio, observa-se que muitas jovens negras reconhecem nas tranças não apenas um recurso estético, mas um símbolo de ancestralidade, autoestima e conexão comunitária. O uso das tranças entre essas jovens reflete não só a valorização da herança africana, mas também o desejo de se posicionar de forma crítica frente ao racismo estrutural e às opressões que marcam suas trajetórias. Essa escolha estética carrega sentidos pedagógicos, pois ensina, comunica e provoca reflexões sobre identidade, pertencimento e resistência.

Dessa forma, este projeto busca também dialogar com o campo educacional, na medida em que compreende as expressões culturais das juventudes negras como práticas formativas, capazes de contribuir para o fortalecimento de uma educação antirracista, territorializada e comprometida com a diversidade. Ao incluir, em sua etapa posterior, entrevistas e rodas de conversa com estudantes da rede pública de ensino, pretende-se aprofundar a escuta e a compreensão das experiências desses sujeitos, valorizando seus repertórios culturais como saberes legítimos no processo educativo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, C. G.; SILVA, R. O.; SERPA, A. Espaço vivido e identidade regional: um olhar sobre o leste e o oeste do recôncavo baiano. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 6, número especial 1, p. 224-237, out. 2015. Disponível em: http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/380. Acesso em: 3 nov. 2024.

CROUCH, D. Places around us: embodied lay geographies in leisure and tourism. *Leisure Studies*, v. 19, n. 2, p. 63-76, 2010.

DIAS, C. Resistências dos pobres nos bairros populares de Salvador e o Período Popular da História. *GeoTextos*, v. 17, n. 2, p. 217-228, dez. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/47315. Acesso em: 10 nov. 2024.

PALMER, Christian. *Piratas, jesuítas, quilombolas, coronéis, pescadores e surfistas: uma pequena história ambiental de Itacaré*. 1. ed. Santo André, SP: Edição do Autor, 2021. Disponível em:

https://www.itacare.com.br/itacare/Umapequenahistoriaambientaldeitacare.pdf

RIBEIRO, Djamila. O empoderamento necessário. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*. Disponível em: http://www.geledes.org.br/o-empoderamentonecessario/#ixzz3icuco5IV. Acesso em: 24 abr. 2025.

ROLIM, Maria Rita. Como as tranças de origem afro entrelaçam o passado e presente sendo um meio de resistência para as mulheres. *Em Pauta – UFPEL*, 2025. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/empauta/trancas-alem-da-estetica-uma-forma-de-sobrevivencia/. Acesso em: 24 abr. 2025.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

SERPA, A. A paisagem periférica. In: YÁZIGI, E. (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 161-179.

Sobre Itacaré. Disponível em: https://itacare.com.br/itacare/historia/. Acesso em: 1 maio 2025.

Revista Raça. Disponível em: https://revistaraca.com.br/sobre/. Acesso em: 24 abr. 2025.